

FÁBIO CASCADURA – Músico e fundador da banda Cascadura

Compositor, músico e estudante do curso de Licenciatura em História, pela UFBA. Fundador, vocalista e guitarrista da banda Cascadura, uma das mais importantes do cenário musical baiano, com cinco discos lançados: #1 (1997), Entre! (1999), Vivendo em grande estilo (2004), Bogary (2006) e Aleluia (2012).

1. Quem é Fábio Cascadura?

Nasci em Salvador, me formei na rede pública de ensino, onde tive meus primeiros contatos com a música, mais especificamente com o rock. Por conta de ser compositor, virei músico e cantor, formei diversas bandas até criar a Cascadura, em 1992. A banda Cascadura se tornou uma espécie de trabalho, emprego, sacerdócio, escola, onde aprendi tudo, no âmbito cultural e de gestão, fui roadie, empresário, assessor de imprensa, fiz de tudo. Apareço mais como cantor, compositor, que é o fim, mas estou envolvido em todas as etapas. Sou um cara da música da Bahia.

2. O que você entende por cultura?

Cultura é um conjunto de códigos e de informações que trocamos, é o que identifica a gente, dentro de um grupo social e para um grupo social, é uma questão de identidade.

3. Como você avalia as políticas culturais na Bahia nos últimos anos?

A partir do governo de Jacques Wagner, da mudança de uma legenda que já estava há anos aqui na Bahia para outra, veio uma maior possibilidade de acesso e transparência do processo de financiamento, a mudança foi muito forte, muito evidente. Foi nesse momento que a gente teve acesso ao Estado, a FUNCEB, que viabilizou o diálogo e orientou como atuar junto ao poder público. Eu tenho mais de 20 anos de experiência na área e percebo uma democratização maior. Antes você quase não ouvia falar das manifestações do interior do Estado, escutava algumas evocações de manifestações ancestrais, às vezes folclorizadas, pois as colocavam dentro do âmbito folclórico e não cultural, era engessado, congelado no tempo. Hoje, falando do rock, temos uma leva de artistas e bandas do interior que começam a aparecer mais, mas ainda existe uma desproporcionalidade entre capital e interior. É um processo, espero que a gente consiga avançar ainda mais. Houve essa mudança nos últimos anos, principalmente quando tinha o Márcio Meireles como Secretário, pois havia um diálogo contínuo, mais próximo da categoria, dos artistas. Enfim, sinto que a produção vai se capilarizando, atingindo lugares que não atingia antes. Há um fortalecimento do hip hop, as expressões que fazem a convergência de uma música tradicional com uma música mais contemporânea.

4. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento a cultura?

Eu acho importante, mais democrático, porque antes o Estado não tinha esse diálogo aberto. Antes eu procurava a Secretaria de Cultura para ajudar nas passagens para representar a Bahia em algum festival de rock, eles pediam um projeto e depois respondiam que esse projeto não estava de acordo, eu não entendia dos prazos, não tinha internet, era mais difícil ter acesso às informações. Eu ia lá, tomava chá de cadeira. Enfim, o artista estava vulnerável, até entrar a política de editais, um critério estabelecido. Quando Gica (Gisele Nussbaumer) entrou na FUNCEB e Gilberto Monte, um músico atuante e conhecido na área, assumiu a Diretoria de Música isso possibilitou um maior acesso e eu fui visitar a FUNCEB uns meses depois para perguntar sobre os projetos, o que eles estavam pensando para a área e disseram que éramos as primeiras pessoas da área de música a ir lá visitar. Gilberto falou sobre os editais e a gente participou do primeiro, acho que foi em 2007, e fomos um dos sete contemplados entre 13 inscritos. Poucos projetos inscritos e é aí que você sentia a descrença com os instrumentos de financiamento público, não se divulgava bem os editais. No ano seguinte, vi um *busdoor* com todos os editais, como fazia para se inscrever, isso faz toda a diferença, dizer que existe verba pública para a cultura. Eu não me lembro de ter visto essa divulgação na Bahia antes. Os editais são importantes? São, eles são instrumentos de democratização e incentivo, mas não quer dizer que eles são instrumentos de sustentabilidade, o único que o artista tem para lançar mão. O edital tem que ser pensado como mecanismo para propor algo que seja bom para a sociedade, que seja importante para o contexto cultural, ele é um facilitador para conseguir também outras parcerias e apoios para o projeto. O caminho é aprender a compreender esses mecanismos e que tenhamos isso para todas as linguagens. A política tem que vir para isso, aumentar os canais de informação e democratização, de fusão do Estado, entre a capital e o interior, e a partir disso você gerar uma cadeia de produção e consumo.

5. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?

Existem as leis de isenção fiscal, o Fazcultura, a Rouanet, é um incentivo, mas isso não quer dizer que só se deve patrocinar nesse formato. Acho injusto, estão pagando ali por uma ação de marketing, pagando não, deixando de pagar por uma ação de marketing. Vou falar do Cascadura, respeitado no Brasil inteiro, tem um público de 13 a mais de 50 anos, tem um discurso inclusivo, procura trabalhar a expressão de maneira sofisticada, isso agrega muito a uma marca. É massa que exista uma lei que incentive esse relacionamento, da economia privada e a cultura, como é o caso da Natura, que vai escolher quem vai patrocinar de acordo com o seu público. Uma marca de moto, uma marca de cerveja, a mesma coisa. Por que não pode ter um Festival Cascadura Itaipava? As leis de incentivo estão aí para iniciar esse relacionamento, mas as marcas não precisam patrocinar apenas para abater do imposto, mas de forma direta, porque estão fazendo um investimento, como fazem em um comercial, que custa dezenas de milhares de reais para ser veiculado naquele horário, todo dia. É o mesmo <http://www.producaoculturalba.net/>

investimento, só que talvez o investimento no artista seja mais duradouro. O ideal seria uma relação maior entre a iniciativa privada e a classe artística, sem necessariamente ter o papel do estado.

6. Qual a sua avaliação sobre a produção artístico-cultural da Bahia nos últimos anos, em particular na área da música?

Nos últimos anos os grupos do interior se sobressaíram, se fortaleceram muito em relação a capital. Juazeiro tem artistas bacanas, Vitória da Conquista, Feira de Santana tem uma leva de banda de rock, artistas que lidam com a música do sertão, não exatamente o forró com a sanfona, mas com o violão. Itabuna se fortaleceu mais com um polo que recebe artistas de fora. O interior começou a mostrar suas garras, uma produção nova. No caso do rock isso é muito evidente, Novelta, Clube de Patifes, O Quadro, que fez uma turnê internacional, Sanitário Sexy de Conquista. Muita gente fazendo rock bem feito, com clipes, CD's, com divulgação na internet. Vimos muitas produções que a mídia não abraça e que estão aí há muitos anos. Tem o esquema de "jabá", mas tem uma produção que consegue se impor, independente, e existem profissionais nessa estrutura comprometidos com o seu papel, com o que está sendo produzido de inovador, de legal. O Cascadura saiu da Bahia, ficou três anos em São Paulo e voltou fortalecido, porque a Bahia precisa disso, esse é o nosso sítio de atuação.

7. Como você avalia o mercado para a cena independente de música da Bahia?

Com dificuldade, porque sempre existiu dificuldade, mas com mais experiência eu acho que quem chega hoje já goza de uma colaboração maior que antes. Quando eu cheguei em 92 foi tentativa e erro, aprendendo com o trabalho de outros, a gente via "Úteros em fúria" e copiava muita coisa que eles faziam. Esses artistas estavam a nossa frente, a gente ficava ali observando o que eles faziam para aprender. Hoje o intercâmbio é muito maior de quem é mais antigo com quem é mais novo. Há uma profissionalização maior, todo mundo se preocupa mais com os seus acabamentos, já existe uma cadeia produtiva mais ou menos estabelecida, com profissionais que prestam serviço para os artistas de produção independente. Isso foi uma conquista que foi se dando ao longo dos anos e eu acompanhei essa conquista, do momento que o roadie era um amigo seu e que também tocava guitarra e você era roadie na banda dele num outro show, para um momento em que começam a ter profissionais que ganhavam uma ajuda de custo e que hoje ganham um cachê. Então existe uma profissionalização e, também, por outro lado, as pessoas passaram a observar o crescimento desse meio e oferecer os serviços de casas. Hoje em Salvador temos a *Commons Studio Bar*, o *Café Portela*, o *Irish Pub*. O que eu acho é que tem que pensar enquanto política de estado, esse é um debate que a gente tem nutrido com o poder municipal, é a viabilidade de Salvador, uma cidade que tem produtos culturais. A gente deve pensar o mercado cultural também em relação ao transporte, à segurança pública, a limpeza. Para desenvolver esse mercado precisa desburocratizar e facilitar a circulação de pessoas.

<http://www.producaoculturalba.net/>

8. Em que contexto e como surgiu a banda Cascadura? Fale um pouco da sua história, principais momentos e influências.

Eu sou compositor, sempre fiz música, mostrava para os amigos e era uma coisa que já estava ali em mim. Então formei uma banda, com os amigos, com Joe, um cara bastante conhecido no rock na Bahia e no Brasil e outras pessoas que ele trouxe. Era um contexto confuso, não tinha esse carinho, um cuidado com o rock na Bahia, a nossa briga ao longo desses mais de 20 anos de banda foi para dar mais visibilidade ao rock, lembrar que a Bahia é plural. Eu conheci Beatles, Elvis, James Brown, ao mesmo tempo em que conheci Milton Nascimento, Chico, Caetano. Existia uma orientação nesse contexto que a gente surgiu que dizia o contrário. Dialogamos com várias possibilidades, não só o rock. Nascermos num contexto de tudo muito fechado, dentro de uma caixinha. Viemos no contraponto, se fazendo ver em outros lugares e nesses lugares as pessoas diziam “olha que legal o que essa moçada está fazendo, um sotaque diferente, um jeito de se expressar”. A história da banda também pode ser contada a partir da obra, que sempre foi o nosso objetivo primeiro. Como eu disse, sou compositor, as músicas tinham que ter um conteúdo e esse conteúdo tinha que ter a dinâmica do que o grupo estava vivendo e de onde a gente vivia. O primeiro disco é de uma banda que quer soar universal; o segundo é de uma banda que quer soar aprimorada dentro da sua capacidade de tocar rock, mas também que toca com o sotaque próprio, falando da Ladeira da Montanha. O terceiro disco já é um disco que quer explodir, querendo se tornar mais evidente, mas tendo ali também os seus contrapontos de personalidade local. Até que chega o “Bogary”, falando com muita saudade de Salvador, que tem um contexto mais amplo, as pessoas abraçam esse disco que depois vai resultar no “Aleluia”, que se alimenta da cidade novamente. Acho que essa é a trajetória da banda, uma banda que começou com muita preocupação em ser fiel ao rock, sem entender que essa fidelidade toda era desnecessária, porque a gente não precisava afirmar isso, isso estava muito evidente na nossa forma de andar, de comer, na forma de pedir as coisas. E hoje a gente olha para trás e se vê, sou baiano, soteropolitano, tenho uma banda de rock que é uma referência dentro da minha cidade, no meu Estado. Eu tenho um trabalho que é reconhecido, tenho admiração das pessoas da minha rua, da minha terra, da minha cidade, para mim isso é a tradução de sucesso.

9. Quais os principais desafios de manter uma banda de rock no atual cenário da música em Salvador?

A gente já extrapolou uma esfera, mas tem muita coisa para andar em Salvador, geograficamente, culturalmente, por mais que se tenha mais facilidade ainda é complicado. A tal da sustentabilidade é complicada, o Cascadura tem uma certa facilidade pela sua história, prestígio, por sua circulação na mídia. A sustentabilidade desse mercado é que é o X da questão. É não ter que depender de nenhum recurso exógeno para ter que criar uma agenda, não ter que ficar dependendo de edital público, ter um diálogo com as fontes de financiamento

<http://www.producaoculturalba.net/>

privado para dar sustentabilidade de produção e de difusão. Acho que a gente já avançou bastante em termos da difusão da música, mas precisa avançar mais. O Cascadura já tem o hábito de, no período de novembro e dezembro, sentar para fazer um planejamento para o ano seguinte, que às vezes não é cumprido à risca, mas é bom para se organizar. O grande desafio é conseguir não depender tanto dos financiamentos externos para poder realizar seus projetos. O grande desafio também é trabalhar em rede, estamos engatinhando isso em Salvador. Isso vem do pessoal do grafite, das artes plásticas, a música precisa se contaminar também.

10. Qual a importância do disco “Bogary” (2006) na carreira da banda Cascadura?

Ele é um disco chave para gente, era para ser o disco de despedida da banda, a gente estava morando em SP e estávamos desgastados, pelas dificuldades de morar longe da família, de se sustentar lá. Nesse meio tempo surge um convite para fazer um projeto em parceria com o Lobão, a Liziane e a Cris, que começaram a pensar numa revista que ia circular com o nosso disco. A gente foi convidado por indicação da Cachorro Grande, banda do Rio Grande do Sul. Eles nunca tinham lançado um disco inédito, faziam o relançamento de discos, então eles confiaram na gente e não tinham nem noção do que era o som. A gente gravou o disco em 22 dias e mandamos para o pessoal ouvir, depois fizemos o projeto gráfico, mas o disco demorou seis meses para ser lançado por conta do patrocínio. Saiu em agosto, saiu bem e com uma forma incrível de distribuição. A gente teve um desempenho muito bom, graças a Salvador, quase seis meses depois foram 1.800 cópias vendidas aqui na cidade. Sobraram quase 8.000 discos no depósito deles e nós compramos para dar de brinde na compra dos ingressos dos shows ou vender. A gente se preocupou a partir disso com os clipes, com a divulgação na internet, no Youtube. O disco acabou encontrando sua força nas canções que falavam sobre saudade, frustração, esperança, dizia o que queríamos ser e onde queríamos chegar.

11. A iniciativa de disponibilizar o CD “Aleluia” (2012) para *download* na internet teve repercussão para a banda?

O “Aleluia” foi financiado com verba pública, e desde o começo a gente sabia que isso ia acontecer, porque é uma forma da gente devolver para a sociedade um recurso que veio do Estado, é uma contrapartida. É uma estratégia de divulgação, de difusão, mas também é uma contrapartida social. A gente queria ir além, assim como a gente queria fazer um documentário contextualizando o disco com a cidade. Uma banda que é de rock e que já estava consagrada, queríamos fazer um documentário, a gente gravou o disco falando de Salvador por causa disso. Hoje o disco está com 30 mil *downloads*, é pouco, mas é muito. Semana passada eu recebi um depoimento de um garoto de 18 anos, que se emocionou escutando “Queda livre”. O que importa não é a quantidade, mas a qualidade, em relação a como a música chega às pessoas. Eu pago o preço por isso também, se eu tivesse me enturmado no sistema de difusão talvez eu estivesse ganhando, ou não, mas talvez eu tivesse apenas dois mil *downloads* pagos.

<http://www.producaoculturalba.net/>

12. De que forma é feita a produção/gestão da banda? Quem são os principais responsáveis e suas respectivas funções?

A Banda tem dois sócios, eu e o Tiago Trad, ele está na banda desde 2000 e reestruturamos a banda toda. Temos um gerente que é a pessoa que faz a administração, que está dedicada a desenvolver os produtos, os nossos projetos, e como utilizar todos esses projetos, pensando em como lançar isso. Temos o Jorginho que é o produtor da banda, que agiliza nosso trânsito, que viabiliza a gente tocar em Brasília, voltar para Salvador. A gente passa o som no show em 20 minutos, temos uma equipe que já trabalha com a gente. Hoje temos os músicos Cadinho, Du e Nielton, que também participam intensamente da produção, do desenvolvimento da banda.

13. Como você avalia a relação entre artistas e produtores no cenário atual da música?

Ao longo desses anos no nosso recorte as coisas se profissionalizaram bastante, inclusive uma coisa importante é que cada vez mais as pessoas tem se preocupado em se formar para isso. O curso da UFBA tem colaborado para isso, às vezes não para trabalhar diretamente com o artista, mas para trabalhar com projetos e isso tem ajudado bastante dentro da cadeia produtiva. Ainda somos carentes de produtores profissionais, são mais oriundos do ciclo da banda, um amigo, um fã, um parente, que acaba mostrando aptidão com aquilo e acaba encontrando os caminhos para produzir a banda. A gente já teve vários produtores, tivemos a sorte de termos profissionais em que confiávamos, tem a amizade, mas é muito profissional. É uma troca constante, vem melhorando, as pessoas veem se capacitando para atuar no meio.

14. É possível viver de música na Bahia? Como a banda viabiliza as suas produções, que mecanismos utilizam? (editais, leis de incentivo, *crowdfunding*).

É possível viver de música na Bahia sim, tanto que muita gente vive de música na Bahia, mas é mais possível também viver para a música, dedicado a ela. Viver só de música não quer dizer que eu só vivo para a minha banda, só com a Cascadura, eu também vivo do meio da música. As pessoas me convidam para participar de projetos, para apresentar programas de rádio, para escrever sobre música na Bahia, sobre rock. Viver só de música não quer dizer que você vai viver só de subir no palco para cantar. Você se articula, precisa ser um cara bem informado, ler bastante coisa, eu leio em média de 8 a 10 livros por ano, leio muitos textos na academia, não contabilizo isso. Pelo menos dois livros estão relacionados à música e ao rock. Isso tudo traz uma bagagem para você se expressar melhor, ter um conteúdo para passar, distribuir melhor o seu pensamento. O somatório disso me dá outro diferencial, tem a formação de um intelectual, isso traz enriquecimento. Dá para viver de música dá, mas você tem que se preparar e se reciclar. Uma tecnologia que a gente deveria experimentar é o *crowdfunding*, saber até aonde pode ir nesse sentido.

15. Como você avalia os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências para a área de música?

Eu não acho que Salvador não tenha espaço cultural. Produção cultural é um funil, você toca na Mostra de Som da escola, depois você toca em um bar legal, meio improvisado, depois você toca em um bar mais legal, depois você toca numa casa de show e depois no Teatro Castro Alves. Acho que Salvador está bem servida de espaços culturais, você tem o bar Dubliners, que é legal, tem um palco, uma luz, um som que dá para tocar. Já toquei na Concha Acústica algumas vezes, já toquei no Canecão, no *Loolapalooza*. Salvador tem hoje uma gama de espaços bons, o Portela Café é um bom espaço, a Sala do Coro, o Espaço Xisto, o Centro Cultural Barroquinha, a Casa da Mãe. Nós estamos bem servidos de espaços, o que precisa é encontrar formas desses espaços encontrarem sustentabilidade de terça a domingo. O Pelourinho é um espaço incrível, só tem que tomar cuidado para que música gratuita não sufoque essa rede criativa. O secretário de cultura e o prefeito da cidade tem que pensar que a criação de um calendário de apresentações gratuitas na cidade pode elitizar. Oferecer um transporte público funcional para a vida cultural da cidade. Ao invés de oferecer música gratuita, ofereça ao cidadão um vale para comprar ingresso. Houve o projeto Festival da Primavera, foi feito meio que em cima da hora, aquilo foi uma réplica do carnaval, um Rio Vermelho sujo, fedendo, cheio de latinhas no chão.

16. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E em relação ao valor dos ingressos em Salvador? E quanto à política da meia-entrada?

Isso é complicado. Porque a meia entrada é um mal entendido forte, a gente não chegou num consenso e inflacionou tudo por causa da meia entrada. A meia entrada é um fator que é facilitador mas é complicado em outras situações. A gratuidade deve ser pontual e muito bem pensada. A gente é convidado para caramba para fazer shows no Pelourinho, mas às vezes é complicado porque a gente vai fazer um show e cobra 20 reais e a pessoa vê que temos um show de graça no Pelourinho. Eu sou estudante da UFBA e não tenho carteira de meia entrada, eu pago inteira, quando uso é no cinema.

17. Como você avalia a organização da classe artística baiana? Qual a sua importância?

Não era e nunca foi organizada, mas nos últimos anos tem havido uma movimentação, muito incentivada por essas políticas culturais, que chamam o artista, dizem que tem um Conselho de Cultura. Como resposta os artistas tem procurado se organizar de outras formas, estamos numa era de compartilhamento de informação muito forte através das mídias digitais. É lógico que ainda estamos ainda engatinhando e que essa organização tem que ser de enfrentamento e de compartilhamento. A organização não precisa ser só para cobrar melhorias para o artista, mas também para a sociedade. Não adianta apenas se organizar no âmbito do confronto com as Instituições Públicas, é importante defender o interesse da classe, ao mesmo tempo ter

consciência social, consciência de dedicação ao meio, ao macro, interferir no seu ambiente social. Não podemos esperar que o Estado faça tudo.

18. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como você avalia a crítica na Bahia hoje?

A crítica cultural tem sobrevivido graças a algumas pessoas e alguns veículos específicos que bravamente fazem isso. Com a democratização dos veículos isso se pulveriza mais. Até dez anos atrás você não abria uma crítica de rock na Bahia que não começasse com “Você acha que na Bahia tem só o axé?”, a gente já venceu isso, se não venceu completamente, vencemos parcialmente e isso foi uma das bandeiras que eu levantei e comprei briga com muita gente da comunicação. Porque não vinha para contextualizar, vinha como uma muleta, uma incapacidade cultural. Não é só de Leonardo di Caprio que vive Hollywood. Hoje a gente percebe que a crítica virou opinião, mas a crítica precisa ter critério. A pessoa tem que viver muita coisa para pode fazer uma crítica. Essa crítica com estudo precisa ser incentivada, remunerada, produzir coisas mais legais, os sites, os blogs precisam ser pressionados para produzir conteúdo diferenciado.

19. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituicoes) voce destacaria em termos de gestao cultural na Bahia e por que?

O Bailinho de Quinta foi um projeto muito bem pensado, eles conseguiram pensar em um formato de entretenimento que não é só entretenimento, mas que demanda uma pesquisa e faz a gente olhar par uma manifestação cultural importante na Bahia, no Brasil, que é a marchinha de carnaval, que vinha sendo colocada numa esfera anedótica, cômica, de duplo sentido. E eles conseguiram pensar numa forma renovadora dessa manifestação cultural na Bahia, ao ponto das pessoas começarem a imitar, mas o Bailinho foi o primeiro, é bom que não se esqueça. Eles também souberam posicionar isso diante do público, quem vai consumir isso, onde isso pode ir. Um artista que não está aqui na Bahia que faz um excelente trabalho de gestão é Márcia Castro, dá gosto de ver as coisas que ela faz, é bem feito. A Vivendo do Ócio não está sediada na Bahia, mas é um exemplo de criatividade dentro de um plano de gestão, cresceu muito nesses últimos anos, são exemplo de mobilidade do rock da Bahia hoje. Orquestra Rumpilezz, Baiana System estão bem situados. Saindo de artistas e indo para casas, a Commons é um exemplo, chama o povo para a casa, oferece seu espaço para outras atividades. De festa tem o Baile Esquema Novo, que circula na cidade, que não fica em um só lugar, que faz as coisas acontecerem.

***Entrevista realizada por Alexandre Souza e Ana Luiza Fernandes, dia 12 de dezembro de 2013, na Faculdade de Comunicação da UFBA, em Salvador- Ba.**

<http://www.producaoculturalba.net/>